

O ENSINO E A GINÁSTICA “PRÓ-PÁTRIA” EM MACAU, ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XX

*Cândido do Carmo Azevedo **

Depois da Grécia Clássica, os exercícios ginásticos propriamente ditos, apenas tinham tido lugar ao longo dos séculos, junto de acrobatas e funâmbulos, fazendo parte de espectáculos itinerantes. Nos finais do século XVIII, eles surgem em Portugal como elementos essenciais no relançamento moral e material do homem novo. O homem novo que, como referiu Estrela (1972), era fulcro da campanha de educação que as elites progressistas da classe burguesa levavam a efeito, com a finalidade de criar na consciência nacional uma noção coerente da necessidade de educação e formação física. Retomava-se a fórmula de Juvenal, “mens sana in corpore sano”. Ser forte, ágil e vigoroso eram agora as qualidades a procurar. E nada melhor que integrá-las num dos acontecimentos mais característicos dos séculos seguintes e que sobressaía na maior parte das nações: a educação e humanização da criança, integrando esta, o melhor possível, nas sociedades em desenvolvimento. Era o pleno assumir da importância crescente da *ginástica*.

Desde o século XIX que são conhecidos nos então territórios portugueses do Oriente, alguns métodos gímnicos, considerando a ginástica um elemento de carácter pedagógico, o que inicialmente foi opinião e depois lei. Esta importância sobejamente reconhecida, vinha ao encontro da ideia que antigos e modernos pedagogos possuíam sobre este elemento educativo, originador do equilíbrio existente entre o desenvolvimento das faculdades do espírito e do corpo (Hasse, 1985). Contudo,

* Doutorado em Ciências do Desporto (História e Antropologia do Corpo) pela Universidade do Porto.

décadas depois, ainda não se lhe prestava a atenção merecida. Apenas os periódicos, divulgando diversas anotações de críticos, faziam a sua apologia e sustentavam a sua necessidade como meio educativo e higiénico necessário à criança.

Das diversas correntes de *educação física*, desenvolvidas na Europa a partir dos finais do século XVIII, aquela que primeiro se adoptou no ensino oficial das “Províncias Portuguesas do Oriente” foi a ginástica sueca, por força do Decreto de 29 de Agosto de 1905, determinando que os Liceus de Goa e Macau deveriam promover a “*educação física*” por meios adoptados recentemente e, especialmente, pela *ginástica sueca*”.

Na primeira década do século XX e grande parte da segunda, não se materializou tal desiderato e a educação estava enferma, em muitos aspectos, sendo notórias a falta de uma orientação definida e de um método. A extensão da própria rede escolar era insuficiente, pois os seus benefícios não chegavam a todos os centros populacionais do Oriente Português, onde, segundo relatos dos médicos da Escola Médica de Goa, reinavam entre as crianças e os adultos grandes sinais de degeneração, traduzidos em doença, sofrimento e medo, onde pouco ou nada havia que anulasse, na maioria da população, as tendências para a ociosidade (Gracias, 1994). Dirá alguns anos mais tarde, o Ministro da Instrução Pública, Gustavo Cordeiro Ramos: “*A educação física tem de sêr, por urgente necessidade, conduzida num campo essencialmente terapêutico. Se isto se tivesse feito dêse há algumas dezenas de anos, teríamos já verdadeiros valôres numa sociedade que parece caminhar para uma bancarrota definitiva. É ver o aspecto da mocidade, excitada, inquieta, diminuída sôb varios aspectos na sua saude física e moral*”¹.

A nível do ensino primário, nada se alterara para que a educação física não constituísse parte integrante da instrução militar preparatória², reflexo da ideia de os militares de que a escola era a antecâmara da caserna, originando o empenhamento do Exército por uma *educação física* mais organizada. Esta preocupação cresceu no Estado Novo, que através de uma presença autoritária, utiliza todas as potencialidades do ensino, no sentido de inculcar valores, subordinar corpos, disciplinar consciên-

¹ In *A Voz de Macau*, 29. 05. 1934.

² Pelo Decreto de 29 de Março de 1911, o programa de *educação física* no grau elementar (a partir dos 10 anos de idade), recomendava o desenvolvimento de atitudes militares e, no grau superior, (a partir dos 12 anos) figuravam exercícios militares.

cias (Rosas, F. & Brito, J. M., 1996). Cresce com a violência da guerra civil espanhola, seguida da II Guerra Mundial, compaginada com a realidade política e com a estratégica dos designados territórios ultramarinos.

Com a concomitante falta de corpo docente, dada a ausência de escolas de formação de professores, coube aos militares em comissão de serviço, e de acordo com a orientação nacional, intervirem nas actividades da *ginástica* e da *educação física*. Não é senso comum estabelecer-se, que os melhores exemplos para uma excelente condição física, disciplina e conduta exemplar, em termos de obediência cega às ordens superiores, são oriundos do meio castrense? Quem senão eles possuíam as condições de “(...) dar aos portugueses as indispensáveis condições de se entregarem à prática da ginástica e dos desportos, como meio de os tornar mais fortes e mais robustos, portanto, mais aptos e úteis para o serviço da Grei?”³.

No Oriente Português, a não docência da *educação física* não se deveu à falta de um programa. O Decreto de 23 de Maio de 1907, aprovava o regulamento e programas de instrução primária portuguesa. Era um programa claro relativamente aos conteúdos: o 1.º grau (da 1.ª à 4.ª classe) compreendia “exercícios de *ginástica* elementar e *jogos*”. O programa de *ginástica* para o sexo masculino (até 4.ª classe) consistia em: “(...) adaptação dos alunos aos exercícios ginásticos e á escola do soldado sem armas. Posições, formaturas em linha, a dois, a três ou quatro; em fileiras abertas ou unidas; abrir distâncias para a frente, para a retaguarda, para os lados; volver à direita e à esquerda. Meia volta á direita. Passo grave, moderado e acelerado; marchas e contra marchas: mudanças de direcção e de formatura. Exercícios livres: dos braços e pernas, com e sem flexão; da cabeça, do tronco; movimentos sucessivos e simultâneos. Jogos ao ar livre. Saltos: em largura e altura. Sexo Feminino: Formatura para adaptação das alunas aos exercícios ginásticos e aos exercícios livres compreendidos no programa do sexo masculino, com excepção dos saltos”⁴. Recomendava-se aos professores a necessidade de marcar os tempos de execução dos exercícios, e, do cuidado em “não fatigar excessivamente os alunos, pois a ginástica deveria ser mais um recreio do que um trabalho”.

Este programa sofre ao longo dos anos seguintes diversos reveses,

³ In Botto, J. A., *Salazar e o Desporto*. S. n.: Lisboa, 1955, p. 10.

⁴ *Diário do Governo* n.º 118 de 28. 05. 1907, com rectificações no *Diário do Governo* n.º 122 de 03. 06. 1907 do Ministério da Marinha e Ultramar.

fruto de um período político assaz perturbado, até à publicação do Decreto de 29 de Março de 1911, do Governo Provisório da República, que procedeu à reforma da Instrução Primária e Normal na Metrópole e Ultramar, mandando elaborar um novo programa de *educação física* escolar.

No Oriente, os objectivos do movimento republicano para o ensino fazem-se sentir: descentralização, expansão, dignificação. Propõe-se uma “educação do cidadão”, na qual os *exercícios físicos* tinham uma importância notável quer para a educação moral, quer para a educação patriótica e militar dos jovens. Pretende-se o desenvolvimento do carácter da criança (liberta da influência jesuíta) pelo exercício permanente da vontade. Porém, a ignorância generalizada sobre o assunto e a falta de hábitos anteriores, acrescida da falta de professores habilitados, impediram que a própria lei marcasse uma orientação para a educação física.

Em Macau, e a partir do último quartel do século XIX, começara a surgir um nível de ensino notável, fosse do âmbito do Estado, da Igreja ou privado. Só na cidade, com uma superfície que não ia além dos 4 Km², existiam 115 escolas, pelo que “(...) *da comparação destes dois números resulta que a proporção de escolas é aproximadamente de 29 por Km². A instrução pública em todo o território da colónia, abrangendo o ensino primário, secundário e especial, tem o ensino distribuído por 125 escolas das quais 4 são do Governo, 7 subsidiadas por este, 4 missionárias, 10 do Município e 100 particulares. Não é fácil encontrar-se território do mundo onde seja ultrapassada a densidade de escolas existentes em Macau*”⁵. Segundo Pires (1988) o movimento de alunos no início da década de trinta rondaria os 9147 alunos.

Tal como em Goa, em Macau, o ensino da *educação física*, até à primeira década do século XX, ficara apenas no campo das intenções, embora tenha havido algumas iniciativas não materializadas, como a de um professor do Seminário Diocesano de Macau. Por não haver livro de apoio à sua disciplina de “Noções de Higiene e Medicina Prática”, elaborou um Manual para uso dos alunos, intitulado “Noções de Hygiene e Medicina Pratica para uso dos alumnos do Seminario Diocesano de Macau”, onde dedica um capítulo ao exercício físico e outro capítulo aos hábitos de higiene pessoal, com a particularidade de condenar o uso habitual de “banhos quentes”, por poderem causar diversos estados patológicos, recomendando “banhos frios” por tonificarem a pele, activar a força mus-

cular, desenvolver o apetite, desimpedir o ventre e conciliar o sono, proporcionando um bem-estar ao corpo, de que depende o espírito⁶. Também o Guarda Marinha António Sérgio, propunha-se ensinar *ginástica* aos alunos da Escola de Pilotagem, adquirindo para o efeito, em 1905, o “Manual de Gymnastica”, de Joaquim da Costa⁷, livro para uso da Armada, onde, para além de orientações de ordem higiénica, estabelecia um esquema da lição de ginástica com preocupação formativa (Estrela, 1972). Ou, ainda, a do Projecto mandado elaborar pela Portaria n.º 160, de 6 de Julho de 1914 “(...) a fim de fornecer ao Governo da Colónia elementos de estudo para informar acêrca de um projecto de refôrma da instrução pública de Macau, que pelo Ministério das Colónias foi remetido a esta Província”⁸. No tal projecto estava delineada claramente a obrigatoriedade da disciplina de educação física, que, para os rapazes constaria de “Exercícios de ginástica sueca conjuntamente com as classes do curso dos liceus. Jogos desportivos: foot-ball; lawn-tennis; e outros com organização de concursos e matchs. Classes especiais e facultativas de esgrima. Exercícios militares”. Para as meninas: “Exercícios de ginástica próprios para o desenvolvimento físico da mulher. Jogos desportivos. Lawn-tennis”.

Esta reforma pressupunha a extinção do Liceu, pouco frequentado e a valorização do Curso Comercial, o mais solicitado pelos jovens macaenses, bem como a saída do ensino primário da tutela do Leal Senado e a sua passagem para a responsabilidade do Governo da Colónia. Talvez nunca se terá efectivado, uma vez que pela Portaria de 4 de Julho de 1918, é posto em prática o novo Regulamento do Ensino Primário nas Escolas Municipais de Macau.

A não existência efectiva da disciplina de *educação física* nas escolas de Macau, dava azo a muitos escritos nos periódicos da época. Todos eles comungavam da importância da ginástica sueca, que operaria “(...) uma verdadeira racionalização da educação física e a sua aplicação nos meios escolar e militar, a introdução dos desportos modernos, as vertentes femininas deste processo, o alargamento das práticas a todas as camadas sociais”⁹. Pois, como

⁶ Cf. Oliveira, J. C. Macau: Sociedade e Quotidiano in *História dos Portugueses no Extremo Oriente. Macau e Timor do Antigo Regime à República*. Tomo III. Fundação Oriente, 2000, pp. 315-480.

⁷ AHM, *Fundo dos Serviços de Marinha de Macau*.

⁸ In *Boletim Oficial de Macau*, 28, 11. 07. 1914.

⁹ Cf. *A Verdade*, 28. 01. 1911.

alertavam, “(...) se o fim dos exercícios metódicos e jogos é aperfeiçoar-se, procurando o resultado socialmente útil, conseqüentemente educa-se a alma, desenvolve-se o espírito de sacrifício e abandonam-se os prazeres que debilitam e arruinam”¹⁰.

Dadas as características da cidade, notava-se uma grande preocupação com a educação do sexo feminino, tal como referia a Comissão criada por Portaria n.º 160, de 6 de Julho de 1914, atrás referida: “Se em qualquer parte do mundo civilizado a educação da mulher é um problema de primacial importância, merecendo por isso os maiores cuidados aos Governos das nações progressivas, em Macau, nesta nossa pequena colónia do Extremo-Oriente, mais do que em parte alguma, esse problema tem de ser encarado de frente e resolvido com urgência, dadas as especialíssimas e delicadas condições do meio. / Numa terra de jogo, de paixões dominantes e de perdição, onde em horas se fazem e desfazem fortunas e onde os vícios mais dissolventes se radicam como condição essencial da sua própria vida, transformando, dia a dia, o ser moral da sua população, tem, como é evidente, primacial importância a educação da mulher, vista antes de tudo, pelo seu aspecto doméstico e moral. / Não tenhamos dúvidas: a colónia valerá em elevação moral, em educação, em civismo, em amor pelo trabalho e pela economia e, conseqüentemente, em riqueza própria, o que valerem as suas mulheres”¹¹.

Esta preocupação com o sexo feminino vinha-se já manifestando desde há alguns anos e também no campo da *educação física*, como se pode verificar no periódico “O Progresso” de 12 de Dezembro de 1915: “(...) esta [a mulher] precisa talvez mais que o homem de se desenvolver e libertar-se dos horríveis instrumentos de tortura com que desde vários séculos vem sendo martirizada e deformada. (...) precisa talvez mais que o homem, da ginástica racional e de desentorpecer o corpo, preso por uma educação freirática e falha em geral das mais rudimentares noções de higiene”¹².

O Regulamento do Ensino Primário nas Escolas Municipais de Macau, homologado pelo Governador Fernando Augusto Vieira de Matos (1917-1918), pela Portaria n.º 110, de 4 de Julho de 1918 e no que concerne à *educação física*, era uma cópia integral do Regulamento

¹⁰ In *O Progresso*, 12. 09. 1915.

¹¹ In *Documentos para a História da Educação em Macau*. Vol. 1, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude: Macau, 1996, p. 82.

¹² In *O Progresso*, 12. 09. 1915.

e Programa de Instrução Primária do Estado da Índia, aprovado pelo Decreto de 23 de Maio de 1907. Porém, era bastante fundamentado nos seus conceitos, abarcando duas categorias de ensino: o infantil e o primário.

Referia tal Regulamento que a educação no ensino infantil tinha por objectivo, entre outros, o desenvolvimento e o robustecimento físico da criança; a educação dos órgãos dos sentidos; o desenvolvimento da actividade manual e a educação e aperfeiçoamento dos órgãos de fala, pelo que o ensino deverá ser feito gradual e progressivamente, limitando-se para as crianças de cinco a seis anos, quase exclusivamente aos cuidados da *educação física*, ao equilíbrio e aperfeiçoamento orgânico. No seu parágrafo 4.º referia que “(...) *somente dos seis aos sete anos, as crianças poderão receber lições mais metodizadas, não podendo todavia estas ter mais de vinte minutos de duração e sendo sempre separadas por cantos populares e patrióticos, jogos ou qualquer outra diversão, não esquecendo jamais que nas escolas infantis é brincando que a criança se educa*”¹³.

A nível do ensino primário referia que era necessário um professor para ministrar a *educação física* nas duas Escolas Centrais¹⁴. Entre outras, seria obrigação do professor: “*Esforçar-se constantemente, nas aulas e fora delas, para formar o carácter dos alunos, cultivando as suas qualidades morais e impondo-lhes hábitos de ordem, asseio, regularidade e pontualidade. Deverá sobretudo inculcar aos alunos bons sentimentos e procurar com insistência fazer calar bem fundo no seu ânimo juvenil o amor da família e da pátria, o cumprimento dos seus deveres e o culto da honra e da probidade*”¹⁵.

Este Regulamento e a vinda do Inspector Manuel Antunes Amor¹⁶ para Superintendente das escolas municipais, foram a mola real para o

¹³ In *Documentos para a História da Educação em Macau*. Vol. 1, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude: Macau, 1996, p. 82.

¹⁴ As escolas com ensino chinês, no campo da educação física, estiveram sempre votadas ao abandono.

¹⁵ In *Documentos para a História da Educação em Macau*. Vol. 1, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude: Macau, 1996, p. 201.

¹⁶ Manuel Antunes Amor conhecedor das pedagogias em vigor na Europa, centradas na criança, implementou em Macau normas pedagógicas, tais como a quantidade de cubagem de ar na sala por aluno, a iluminação que deveriam os alunos receber do lado esquerdo, a forma de pegar no lápis ou na caneta, a posição correcta que deveriam ter nas carteiras, etc. Apenas uma das suas solicitações não foi aceite pelo Leal Senado, a dos alunos terem um recreio de hora a hora, tal por protesto dos outros professores (Barata, 1999).

iniciar da actividade docente de *educação física* em Macau. O Inspector fizera parte da sua formação académica na Alemanha, na transição do século, altura em que este país dava o maior desenvolvimento à *ginástica*, introduzindo-a na escola primária como um elemento integrante da educação geral (Estrela, 1972).

O primeiro professor de *educação física* terá sido Artur António da Silva Basto¹⁷, que desde 1920 exerce a sua função docente nas escolas centrais do sexo masculino e feminino. No ano seguinte e, respectivamente, no Liceu de Macau, no Colégio de S. José e na Escola República (ensino luso-chinês), são docentes de educação física o Capitão de Administração Militar, Manuel Alves Morgado, Joseph Hughes e Artur António Tristão Borges, que, em 1924, acumula também as aulas do liceu. Estavam agora as principais escolas de Macau dotadas do ensino de *educação física*, há tanto reivindicado e esperado.

Como tudo o que começa, mereceu a *educação física*, de início, uma atenção inusitada, acrescida, pelo clima político que se vivia na Colónia (e na Metrópole), opondo republicanos e conservadores, constituindo como que dois partidos, em que assentava a estrutura social e económica. Não é pois de espantar o contencioso surgido entre o professor Artur Basto (conservador) e o Vereador Municipal do Pelouro da Instrução¹⁸ S. Gregório, que nas sessões da edilidade contestava a instrução ministrada por aquele professor “(...) *que do compêndio de instrução de ginástica limita-se apenas a mandar marcar passo, posição de sentido, direita e esquerda volver, marcha a um de fundo e pouco mais*”¹⁹.

Nos anos seguintes e a exemplo do que se passava nas outras disciplinas cuja actividade docente esteve entregue a advogados, médicos, engenheiros, militares, missionários, magistrados e outros, a todos menos àqueles que fossem só professores, no campo da *educação física* e do *desporto*, aconteceu o mesmo. Porém, a imprensa da época destaca o em-

¹⁷ Segundo “A Colónia” de 15. 02. 1919 este professor era, em 1919, o responsável pelo escutismo de Macau. O Grupo de Escoteiros de Macau tem a particularidade de ser o primeiro grupo que se organizou em território nacional. Foi seu fundador o Governador Álvaro de Melo Machado (1910-1912).

¹⁸ Eram deveres do Vereador do Pelouro da Instrução, entre outros: Art.º 2.º. Velar pela execução dos regulamentos e dos programas das escolas. / Art.º 4.º. (...) informar o Leal Senado de todas as irregularidades que notar e solicitar do mesmo as providências para remediá-las ou para melhorar as escolas.

¹⁹ AHM, *Leal Senado*, 1922, P.º 118, Cx. 50.

penho de diversos professores: o Tenente na reserva Fernando Lara Reis, o Tenente Filipe Ó Costa, o Tenente Vítor Lopes, o Capitão-Tenente C. Morinelo (estes dois últimos e segundo “A Voz de Macau” de 16 de Junho de 1934, eram grandes mestres da *ginástica-respiratória*²⁰), Francisco de Carvalho e Rego²¹, Tenente Júlio Manuel de Oliveira Montalvão da Silva, Tenente Fernando Homem da Costa, Sargento Fausto Afonso Branco, Veríssimo Xavier do Rosário, Madre Maria de Los Angeles (também professora do ensino primário e de francês). É só nos anos quarenta que se forma em Lisboa, o primeiro macaense, um eclético desportista de Macau pertencente a uma família de grandes desportistas: João dos Santos Ferreira.

Com o passar dos anos e a todos os níveis de ensino, a educação física tinha ganho o seu espaço. Contribuiu para tal o papel interventor destes professores militares²², tanto na prática, quanto nos jornais e revistas da época, com artigos de actualidade.

A 25 de Março de 1925, o Governo cede o terreno do Tap Seac, anexo à Caixa Escolar, para espaço desportivo²³ de apoio às actividades físicas do liceu, que vem a ser inaugurado, a 20 de Dezembro de 1925. Em 1930, é construído o ginásio do liceu e, em 1940, dá-se prioridade aos horários de *educação física*: “A ginástica, sendo educativa, deve ser ministrada antes do começo das outras aulas e, sempre, na primeira hora da manhã”²⁴.

Porém, face à enorme população jovem escolarizada, levando ao aparecimento de um grande número de escolas, sem professores de educação física e sem instalações, pese o dedicado esforço de uns poucos atrás referidos e distribuídos no tempo, não faltaram, ao longo de décadas, constantes apelos nos diferentes periódicos. Assim referia “A Pátria”, de 31 de Março de 1926: “A educação física é o elemento preliminar, indispensável na cultura geral dos povos e, como tal, a sua prática, nivelado educação intelectual e moral deve tornar-se obrigatória e ocupar idêntico lugar na educação

²⁰ Divulgada pelo médico Weiss de Oliveira, fortemente criticada na Metrópole.

²¹ Foi Professor de Educação Física na Escola Primária Luso-Chinesa, mas as suas funções principais eram de Director da Escola Central do Sexo Masculino.

²² Alguns que exerceram a sua docência em *Macau* eram formados pela Escola de Educação Física do Exército.

²³ Cf. AHM, *Administração Civil*, P.º 122.

²⁴ In Relatório do Director da Escola Central do Sexo Masculino (1940). *Anuário do Ensino*, 1939-1940, p. 90.

geral da mocidade” [e para a] “(...) desorientação lamentável que urge combater, marcando a educação física o lugar que lhe compete na formação e desenvolvimento do organismo e na preparação desportiva”. Esta orientação manteve-se ao longo de 20 anos. Por outras palavras, mas com idêntica preocupação, assim referia a “Voz de Macau”, de 20 de Março de 1946: “Adentro das normas pedagógicas modernas, os exercícios físicos ocupam um lugar de particular importância (...) as facilidades para a prática de exercícios físicos e desportos ocupam sempre um lugar proeminente. / É que a educação física adquiriu nestas nações, como em quasi todas as outras terras civilizadas uma importância primacial, sendo considerada mesmo como uma condição “sine qua non” para a educação integral do indivíduo. / Em Macau, infelizmente estamos atrasadíssimos neste sentido. Afora uma insignificante meia hora de movimentos ginásticos, as nossas crianças e estudantes das escolas secundárias nada mais têm que possa verdadeiramente chamar cultura física. / Agora que todas as escolas primárias passaram para o Governo²⁵, é de desejar que se inicie esta remodelação que não deixará de honrar e de marcar em letras de ouro o nome daquele que se balançar a tomar essa iniciativa. / Mãos à obra para o desenvolvimento físico das crianças das nossas escolas, como complemento indispensável do seu desenvolvimento intelectual”.

Pelas práticas e pelos escritos que alguns destes professores militares nos deixaram, nos diferentes territórios do Oriente, verifica-se que a metodologia usada, pela maioria, na sua actividade docente, se orientava para o que preconizava a “escola sueca”, pois como um deles referia: “Resta-nos agora o Império e, dentro d’ele, muito especialmente Macau, não só por ser esta a Colónia onde vivemos mas também pela sua especial situação geográfica. Em Macau, de condições climáticas absolutamente variáveis, carece a educação física dos jovens um cuidado aturado e inteligente. A sua preparação tem de ser feita de forma a poderem suportar, sem excessos desnecessários e vistosos, (...). E essa adaptação só se consegue encaminhando, como dissemos, a actividade física da mocidade, principiando por uma ginástica que, dentro dos basilares princípios do método do genial Ling —, cujos exercícios morfológicos são indispensáveis bem como as suas realizações estéticas e as suas aplicações de tanta utilidade — deve estar ao serviço da vida, mas de uma vida que seja física e moralmente sã”²⁶.

Outro professor referia assim uns anos mais tarde aos microfones da

²⁵ A 1 de Janeiro de 1946.

²⁶ In Branco, F., Educação Física. *Renascimento*, 1-6 (Jan-Jun) 1943, pp. 293-294.

Rádio Macau: “O método mais recente, experimentado em Portugal, foi o de Demény, que havia sido adoptado na Escola de Joinville-le-Pont. Demény criou o ecletismo na ginástica, pois os seus exercícios constavam de uma selecção feita nos outros métodos. Nas suas lições, apareciam exercícios que denominava de suecos, feitos juntamente com alteres, trapézios, argolas, pesos, maçãs indianas, etc. Era esta a ginástica para a mocidade, para as crianças de 12 anos, mas que felizmente foi posta de parte, quando apareceu o método Ling, por se ter reconhecido ser superior. (...) O Método de Ling, introduzido entre nós, nos princípios deste século, através de livros belgas e franceses, foi adoptado, por se reconhecer ser o mais racional e completo de todos os que haviam sido criados até à data”²⁷.

Esta orientação para a “escola sueca” situar-se-ia num plano subjectivo, em que cada um deveria depois introduzir alterações por sua conta, ditadas em função da sua maior ou menor actualização, na medida em que nos anos trinta e princípios de quarenta, não existe praticamente uma programação oficial e não se distinguem sectores e graus de ensino. Esta situação poderá ser compreendida se tivermos em conta que não existiam ainda escolas de formação de professores de educação física²⁸ e os interessados (na transição da década de 20 para 30) restringiam-se ao Regulamento de 1920²⁹, ou a partir de 1935, às “Directivas para a Instrução da Ginástica e dos Jogos nas Fileiras do Exército”, seguidor do “método de Ling” mas bastante mais evoluído em relação à sua forma original, que manteve a sua preponderância, mesmo depois de surgir a Organização Nacional da Mocidade Portuguesa³⁰, instituição que integrava uma forte componente ideológica, visando edificar uma escola nacionalista.

Referências chegadas até hoje confirmam que tais “professores militares” comungavam da transformação que se operava. Em simultâneo, es-

²⁷ In Costa, F. Palestras Radiofónicas. A Ginástica em Portugal. *Renascimento*. 1-6 (Jan-Jun), 1945, p. 8.

²⁸ O Instituto Nacional de Educação Física só surge em 1940.

²⁹ Baseado no Manual do Capitão Belga Lefebure, “Une Méthode de Gymnastique Suédoise” (Cabral, 1973). Este Manual foi algo criticado por não condensar matéria suficiente para criar instrutores e para basear bons esquemas de lições de ginástica (Costa, 1945).

³⁰ Estabelecida segundo moldes de organizações alemãs e italianas de juventude, apoiada na Igreja e no Exército. Foi criada pelo Decreto Lei nº 26.611, de 19. 05. 1936., com o objectivo de “dar à mocidade portuguesa uma organização nacional e pré-militar que estimule o desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação do carácter e a devoção à Pátria e a colóque em condições de concorrer eficazmente para a sua defesa”.

ses professores articulavam-se, intencionalmente ou não, com a estratégia do regime para o todo nacional: exercitar o corpo, para torná-lo um órgão estimulável fisicamente, adestrando-o com o fim de cumprir bem as tarefas solicitadas. E no oceânico Império era necessário exercitar e adestrar.

Esclarecedor do que se acaba de referir é a Comunicação aos Professores, em 1930, feita pelo Administrador Tenente A. Pinto Correia. Esta Comunicação dividia-se em quatro partes: I — Formar Homens; II — Criar o respeito pelas Hierarquias; III — Nacionalizar os alunos; IV — Preparar agricultores. Transcreve-se algumas partes relacionadas com este artigo: *“Havendo já nesta Circunscrição seis estabelecimentos de ensino e sendo conveniente orientar os mestres dessas escolas sobre os princípios a que êles se devem subordinar na preparação espiritual dos alunos que lhes estão confiados, comunico aos chefes dos postos e aos professores da Circunscrição que êsses princípios devem ser os seguintes: / I — Acima de tudo “Formar Homens”. Homens em tôda a acepção da palavra. Vigorosos, desempenados, saudáveis. Exce-lentes animais, fisicamente bem construídos, de arcabouço forte, peito largo, ombros direitos e sobre êstes sólidamente aprumada, uma cabeça alta, onde brilhe um olhar franco, rectilíneo, claro e leal. (...) / Os alunos terão pois: banho diário, ginástica, jogos desportivos e canto coral. O canto em conjunto é um belo exercício para o alargamento e fortificação da caixa torácica e uma prática óptima para criar o sentimento da disciplina pela solidariedade. / Os professores aproveitarão tôdas as oportunidades para radicar no espírito dos alunos a convicção de que, machos bem lavados, bem alimentados e bem vestidos, de sólidos pulmões, além de melhores reprodutores — garantindo a perpetuidade da raça — são mais refractários às doenças (...) / Em vez dos “bons dias”, a continência, feita com aprumo e energia; mas quando fôr preciso falar, que a sua bôca se abra em palavras sonoras, fortes e bem timbradas. / II — O ensino terá um aspecto físico e terá igualmente o seu aspecto político — no grande sentido do termo. Nessa esfera de acção, há que criar hábitos de disciplina e enraizar na cabeça dos instruendos a noção das hierarquias. (...) A humanidade há-de ser sempre feita de homens que governam e de homens que obedecem. / Dentro dêstes princípios, o professor fará todo o possível para reforçar, na mentalidade em esbôço dos rapazes, o respeito pelas autoridades, pelos chefes (...) Ensinar-lhes-á que as massas humanas são como monstros cegos às cabeçadas e que precisam de condutores que as guiem nos caminhos para o seu aperfeiçoamento social e económico. Mostrar-lhes-á os benefícios da colonização portuguesa, a influência vantajosa que ela tem exercido na transformação da terra e dos habitantes. Entre os factos demonstrativos dessa influência, que deverá citar, porá em relevo os seguintes: (...) / No sentido de*

*amoldar os temperamentos naturalmente irrequietos e insubmissos das crianças, à disciplina necessária para a boa ordem social e engrandecimento económico da Colónia, o professor, certo de que semelhante disciplina começa pelos corpos para depois penetrar e permanecer nos espíritos, dará aos seus alunos uma “organização militar”: (...)*³¹.

Nada mais afinal que o cumprimento de orientações de carácter nacionalista, dispersas por uma infinidade de diplomas legislativos e normativos provinciais promulgados com o advento do Estado Novo.

Em 1936 surge a Organização Nacional da Mocidade Portuguesa, criada pelo Ministro Doutor Carneiro Pacheco, e destinada “(...) a reunir toda a mocidade de Portugal e do Império, e visa, como sendo um dos seus principais objectivos, o desenvolvimento integral da capacidade física dos seus filiados. E assim o Governo Português, pela bôca do seu chefe, o Dr. Oliveira Salazar, a quem os jovens de Portugal e do seu vasto Império ficam devendo muito, não se esqueceu de no regulamento da mesma dar um lugar preponderante à educação física e, dentro dela, como base do grande edifício, a Ginástica”³². Esta Organização, efectivada nas colónias pelo Decreto nº 29.453, de 13 de Fevereiro de 1939, envolvendo as escolas numa dinâmica gimno-desportiva ímpar faz com que o método de Ling influísse decisivamente nos estabelecimentos de ensino (Cabral, 1973).

Com o andar dos anos e dado os conflitos bélicos existentes um pouco por todo o mundo, muitos originados pelo aparecimento dos nacionalismos em antigas colónias europeias, as já referidas “Directivas”, fortemente apoiadas no método de Ling, não desaparecem, mas passo a passo, acompanhando a evolução do que se passava em outros países, sofrem, ao longo dos anos, adaptações e sínteses dos vários sistemas ginásticos (de aplicação, acrobática, naturalista, etc.), aproximando-se do “método francês” — aplicação de alteres, bastões, plintos, espaldares — com aulas dirigidas por comandos orais, gestos e apitos, baseados em

³¹ Não é de estranhar esta Comunicação pois vem na linha das prepotências de alguns administrativos coloniais. Tal como se passara em Portugal com a passagem das escolas do ensino primário para a dependência das Câmaras Municipais, um dos objectivos essenciais do movimento revolucionário republicano (Cabral, 1973), nas Colónias, as escolas e os respectivos mestres, oriundos do ensino missionário ficaram dependentes da autoridade administrativa. Este caso passa-se em Timor e na Circunscrição de Baucau. In Correia, A. P., Timor de lés a lés. Agência Geral das Colónias: Lisboa, 1944, pp.356-357.

³² In Branco, F., Educação Física, *Renascimento*, 1-6 (Jan-Jun), 1943, p. 292.

movimentos específicos causadores de um automatismo cego de intenção e acção, na procura dos aptos e fortes, em conformidade com as práticas dos quartéis.

Em Macau, em 1943, escreverá um dos “professores militares”: “O Estado tem o dever de integrar a juventude no amor dos exercícios vigorosos, que a preparem para uma actividade fecunda e para tudo quanto possa exigir dele a honra ou o interesse nacional (...) / A educação física é o melhor meio de que podemos lançar mão para evitar o definhamento do indivíduo e, quanto mais cedo for aplicada, maiores benefícios produzirá. Só assim se cumprirá o preceito de Salazar: “fazer mais e melhor”³³.

Ainda em Macau, outro professor dirá que: “A Educação Física deve ser considerada como fazendo parte integrante da educação geral do povo, porque é necessário criar um povo forte, para que a Nação tenha servidores fortes. / A Nação vale o que valer o seu povo. / (...) A Educação Física, tendo como principal estimulante o patriotismo, é tanto mais necessária quanto é certo que só com ela se pode obter um aperfeiçoamento da raça, uma regeneração das crianças e homens de amanhã”³⁴.

Tudo apontava para a defesa das longas e dispersas fronteiras do Império, logicamente necessitada de uma juventude local forte, disciplinada, patriótica e capaz, para um amanhã “de todas as surpresas”. Foucault (1977, pp. 125 e 127) dirá mais tarde: “(...) corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece (...) [porque] (...) corpos submissos e exercitados, corpos dóceis”.

³³ Id. *ibid.*

³⁴ In Costa, F. Homem. (1944). A Educação Física na Revolução. *Renascimento*, 1-6 (Janeiro-Junho), p. 471.

BIBLIOGRAFIA

- Albina Silva, António Aresta & Aureliano Barata, Org. de (1996). Documentos para a História da Educação em Macau. Vol. 1. Direcção dos Serviços de Educação e Juventude: Macau.
- Barata, Aureliano (1999). *O ensino em Macau: 1572-1979*. Direcção dos Serviços de Educação e Juventude: Macau.
- Botto, J. A. (1955). *Salazar e o Desporto*. S. n.: Lisboa.
- Branco, Fausto (1943). Educação Física. *Renascimento*. Edição Fac-similada de 1998 dos números 1-6 (Janeiro-Junho), 1943, Macau, pp. 292-295.
- Cabral, J. C. Tavares (1973). Síntese da Evolução das Principais Correntes da Educação Física em Portugal, no período compreendido entre 1900 e 1940. In Separata do *Boletim do Instituto Nacional de Educação Física*, 2.^a Série, 1 (Janeiro/Março), pp.1-121.
- Costa, F. Homem (1945). Palestras Radiofónicas. A Gimnástica em Portugal. *Renascimento*. Edição Fac-similada de 1998 dos números 1-6 (Janeiro-Junho), 1945, Macau, pp. 8-11.
- Estrela, Albano (1972). Elementos e reflexões sobre a Educação Física em Portugal, no período compreendido entre 1834 e 1910. In separata do *Boletim do Instituto Nacional de Educação Física*, 2.^a Série, 1 (Janeiro/Junho), pp.1-32.
- Foucault, M. (1977). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Vozes Ed.: Petropolis.
- Gracias, Fátima (1994). *Health and hygienic control in colonial Goa: 1510-1961*. Concept Publishing company: New Delhi.
- Hasse, Manuela (1985). A disciplina do corpo. *Ludens*, 10 (Out./Dez.), pp. 18-38.
- Oliveira, J. Carlos (2000). Sociedade e Quotidiano. In *História dos Portugueses no Extremo-Oriente. Macau e Timor do Antigo Regime à República*. Dir. de A. Oliveira Marques, vol. 3, Fundação Oriente: Lisboa, pp. 315-480.
- Pires, B, Videira, S.J. (1988). *Os extremos conciliam-se*. Instituto Cultural de Macau: Macau.
- Rosas, F. e Brito, J. M. dir. de (1996). *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. 1. Bertrand Editora: Lisboa.